



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na reunião extraordinária do Pleno do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social**

**Palácio Itamaraty – Brasília-DF, 15 de setembro de 2009**

Tem gente com fome, José Múcio, eu vou tentar ser breve. Problema de político é que todas as vezes que ele fala que vai ser breve, ele fala mais do que deveria falar.

Mas, eu queria, primeiro, destacar o alto nível de compreensão da crise, feita pelos oradores que falaram, e também destacar a compreensão de que hoje poderia ser afirmado aqui que acabou, definitivamente, a empáfia neste país. Aquela empáfia de que o governante pensava que sabia tudo e os ministros da Fazenda faziam um pacote atrás do outro, não dava certo, não dava certo, não dava certo. Eu... até agora temos processos na Suprema Corte de Plano Bresser, de Plano Verão, de plano não sei das quantas, como se política fosse aquela cartola do coelho, que você vai tirando plano, vai tirando plano e, se não der certo, você não está preocupado em saber quem paga a conta. Normalmente é o próximo governo ou a sociedade que paga.

Acabou a empáfia dos presidentes da República terem medo de conversar com as pessoas, achando que as pessoas vão reivindicar. Acabou a empáfia dos empresários que achavam que o Estado não valia mais nada, que a empresa privada era a solução para todos os problemas e que o mercado iria resolver tudo. Acabou a empáfia dos trabalhadores de achar que não podiam se sentar a uma mesa para conversar porque entendiam que [com] isso eles estavam sendo cooptados pelo outro lado. E eu penso que acabou a empáfia de uma parte da imprensa que achava que com suas manchetes podia criar o clima que bem entendesse na sociedade.

Eu acho que hoje é um dia em que todos nós descobrimos que, se cada



um de nós conseguir externar aquilo que pensa, não pensando apenas na sua corporação, mas pensando um pouco neste país, a gente tem possibilidade de dar certo. Os discursos que eu ouvi aqui hoje, eu ouvi ontem dos índios brasileiros lá em Roraima, eu tenho ouvido dos trabalhadores rurais, dos trabalhadores sem-terra. Nós temos assistido os trabalhadores que estão se formando para (incompreensível) de falar. Há uma compreensão generalizada de que as coisas estão acontecendo neste país. E mais importante: há a compreensão de que nós brasileiros passamos a gostar de nós brasileiros. Porque nós sempre nos achamos diminuídos, sempre. Nós aprendemos na escola, aprendemos ao longo da história que nós éramos um país que construía homens e mulheres de segunda classe. De vez em quando aparecia alguém, tinha destaque, mas quando tinha muito destaque ia morar lá fora. Nós estamos construindo as coisas que nós somos capazes de construir, muitas vezes ainda cobrando coisas que são uma bobagem.

Eu confesso a vocês que essa discussão sobre política tributária, para mim, está ficando uma coisa velha e arcaica, porque só eu já mandei duas para o Congresso Nacional e não aconteceu absolutamente nada. E não posso mandar a terceira, não só porque não tenho mais tempo, mas porque também eu não acredito. A verdade é que uma parte da sociedade não quer reforma tributária, porque se quisesse ela tinha acontecido. E também eu vejo, às vezes, o discurso um pouco assim: “Não. Precisamos reduzir a carga tributária”. A gente poderia copiar os modelos europeus. A gente reduz mais do setor produtivo e triplica à pessoa física, à pessoa... como é no mundo.

E também todo mundo aprendeu que o Estado precisa ter um mínimo de poder de barganha. Imagine se nesta crise, Gerdau, o Estado estivesse fragilizado. Imagine se a gente não tivesse reservas, imagine se a gente não tivesse a disposição de fazer o Banco do Brasil fortalecido, a Caixa fortalecida, o BNDES fortalecido. Aí, sim, nós teríamos entrado no caos neste país.

Então, eu penso que o momento... É com muita humildade, este



Conselho começar a pensar o futuro do Brasil. Porque, Neri, uma coisa que eu vou fazer ainda este ano, eu vou fazer a consolidação das políticas sociais que nós criamos neste país, para transformar em política de Estado. Este Conselho tem que ser transformado em uma coisa de Estado. Não é qualquer um que vai chegar aqui e falar: “Eu vou acabar com o Conselho porque eu quero acabar com o Conselho”. Ele pode até não querer fazer, mas que vai estar na lei, vai estar na lei, que este país tem um Conselho.

A quantidade de políticas que nós fizemos que, por todos os indicadores, demonstra parte do sucesso deste momento que estamos vivendo, não pode ser destruída. Nós temos que andar daqui para frente, nós não podemos voltar mais atrás. Aqui... tem dois empresários aqui, que eu não vou citar os nomes, mas dois comerciantes que, nesse momento todo de crise, eram os dois que me ligavam e diziam: “Presidente, no nosso setor não tem crise. O povo está comprando e está comprando muito. Então, sinceramente, ela ainda não chegou aqui. Ela passou por fora do meu setor”. E é verdade, porque uma parcela da população que teve acesso a dinheiro deu sustentabilidade à economia brasileira, deu confiança ao comércio, e isso nós precisamos fortalecer, nós precisamos fortalecer. Nós não podemos retroceder, achando “Ah, se acabar o Bolsa Família, vai melhorar o País”. O que é que nós vamos fazer com os 12 bilhões do Bolsa Família? Construir uma ponte a mais, uma estrada a mais? Isso é mais importante do que levar comida à boca de 2 milhões de pessoas? Não é.

Então, nós precisamos consolidar as coisas que nós já fizemos e pensar o futuro. Eu disse na CNI, outro dia, que nós agora precisamos constituir grupo de trabalho aqui para pensar a inovação tecnológica. Mas pensar de verdade, porque também tem palavras que são muito bonitas de a gente falar. Elas soam extraordinariamente: inovação tecnológica. É uma coisa bonita. Agora, nós precisamos tornar práticas essas palavras bonitas.

Eu acho que este Conselho poderia constituir, se já não tiver, um grupo



especial para discutir a inovação tecnológica, inclusive utilizar o dinheiro que nós temos no Ministério da Ciência e Tecnologia, e que está lá o dinheiro porque ninguém vai tirar. Ou os empresários ainda não sabem que a gente tem o dinheiro para a inovação tecnológica, que foi aprovado no PAC de Ciência e Tecnologia, ou porque nós não comunicamos, mas o dado concreto é que nós temos dinheiro para investir na inovação tecnológica e esse dinheiro está no Ministério da Ciência e Tecnologia. Se vocês não utilizarem, o que vai acontecer? O Guido Mantega vai agradecer porque isso volta para o Tesouro Nacional, o Paulo Bernardo vai ficar feliz porque não tem que arrochar tanto os Ministérios. Mas o dinheiro foi disponibilizado e é extremamente importante que a gente utilize o dinheiro porque, ao utilizar o dinheiro, a gente sabe que, se gastar tudo, a gente vai ter que preparar mais recursos para o ano que vem.

Mas eu queria falar aqui apenas uma coisa, para não cansar vocês e não me cansar, que nós chegamos às 2h da manhã de Roraima. Eu acho que era importante que os empresários comesçassem a preparar grupos de trabalho no Conselho, junto com os trabalhadores, para a gente começar a discutir três coisas importantes, mas, sobretudo, a mais importante de todas elas que é a estruturação da cadeia produtiva do pré-sal.

O Armando Monteiro teve a oportunidade, junto com o José Múcio, de participar na sexta-feira comigo do batimento de quilha do Estaleiro Atlântico Sul. Se você imaginar que a gente tem que duplicar por três ou por quatro aquilo que nós vimos lá em Recife; se você imaginar que a Petrobras já anunciou que 28 sondas já vão ser contratadas aqui no Brasil; se você imaginar a quantidade de plataformas que você vai ter que fazer no Brasil; e se você imaginar a quantidade de indústrias que terão que se cercar das grandes indústrias que vão montar sondas e plataformas, é um desafio tão excepcional, que eu acho que a gente ainda não tem dimensão, a gente não tem, assim, noção do que pode acontecer nos próximos seis, sete ou oito anos neste país.

Eu pedi até, Gerdau, para o Luciano Coutinho, junto com a Petrobras e



junto com a Braspetro, fazer um estudo da quantidade de aço que nós vamos precisar no Brasil, para que a gente não tenha que, no momento mais auspicioso da produção, ter que importar aço porque a nossa indústria não ultrapassa os 35 milhões de toneladas.

Qual é o Brasil que nos espera na hora em que a gente começar a explorar o pré-sal? Na hora em que a gente começar a fazer a refinaria em São Luís do Maranhão, a refinaria em Fortaleza? Na hora em que estiver montando a refinaria de Pernambuco? Na verdade, nós não temos dimensão das coisas que estão por vir e nós precisamos nos antecipar.

Portanto, José Múcio, este Conselho poderia constituir um grupo de trabalho para que a gente começasse a pensar a cadeia produtiva do pré-sal e o que a gente pode fazer dentro do Brasil. Porque esse é o desafio, Feijóo e Patah, esse é o desafio: é a gente fazer com que grande parte desses produtos seja fabricada dentro do nosso país, porque é isso o que vai aumentar a nossa classe média, é isso o que vai aumentar a nossa formação profissional, é isso o que vai qualificar o brasileiro para ser mais competitivo, é se a gente tiver investimentos...

Eu vi, agora, em Recife: a grande maioria dos trabalhadores que estavam trabalhando no Estaleiro era pessoas filhas de cortadores de cana, pessoas que se formaram exatamente para trabalhar no Estaleiro. O grande problema, Rigotto, é que as pessoas precisam apenas ter oportunidade. O Paulo tem participado comigo, o Paulo Simão, da entrega de diplomas de jovens e mulheres que fazem um curso de quanto? Noventa horas, 100 horas, cento e poucas horas, 200 horas. Para essas pessoas, possivelmente seja o mesmo orgulho do dia em que vocês receberam o diploma de economista, de advogado, de engenheiro, de qualquer coisa. Uma dimensão... talvez ela tenha até o direito de ter mais orgulho porque, para ela, era inatingível aquele curso. Eu me lembro que, na última vez, nós conseguimos dois aumentos de salário no microfone. O empresário ia contratar uma por 700, eu pedi 1.000, ele



garantiu 1.000, e o outro ia contratar uma copeira por 1.000, eu pedi 1.200, ele deu 1.200 no ato. É preciso fiscalizar para saber se ele registrou mesmo na carteira.

A verdade é que quando eu disse que a gente podia declarar hoje o fim da empáfia é porque nós estamos descobrindo uma coisa importante: não existe possibilidade de governo sobreviver sozinho, não existe possibilidade de empresário viver sozinho, não existe possibilidade de os trabalhadores viverem se as empresas estiverem enfraquecidas, e não existe possibilidade de nós vivermos se por detrás de nós tiver um exército infinito de miseráveis, como habitualmente a gente tinha neste país.

Essa é a descoberta que eu acho que é a coisa sagrada que depende de todos nós, e é uma coisa fantástica porque você só tem que dar R\$ 100 para uma pessoa pobre. Não precisa dar muito, ela não quer muito. As pessoas fazem um milagre da sua vida com pouco dinheiro. Alguns é que precisam de muito, porque tem gente que não se contenta com iate, não se contenta com casa de trinta quartos, não se contenta com nada. Tem gente que cada vez quer mais, às vezes para guardar herança para pessoas que nem merecem a herança que os pais deixam, e exemplo de gente que até briga com os pais para receber a herança dos pais. Ou seja, construir este país, Luíza, construir este país está por um fio para a gente construí-lo com uma força extraordinária.

Nós aprendemos, eu aprendi, os ministros aprenderam, vocês aprenderam. Na época da crise, a gente não ficava discutindo se a gente ia fazer 0,5 de primário, se a gente ia reduzir. Na época da crise, a gente tinha que dizer: vamos vencer essa crise. E eu acho que ela está vencida no Brasil. A única coisa que nós temos é uma certa dificuldade no mercado externo, mas porque também eu não posso convencê-los a comprar o que eles não estão conseguindo vender também. Não é um problema nosso aqui. O comércio internacional está abaixo do que era pouco tempo atrás e não sei se volta à



mesmice.

Mas o dado concreto é que nós aprendemos e eu não queria que nós perdêssemos esse momento histórico. O Brasil tem que se preparar para fazer uma Copa do Mundo em 2014. Se Deus quiser, a partir do dia 2, o Brasil tem que se preparar para fazer a sua primeira Olimpíada em 2016. As obras do PAC, quem quer que seja que venha a governar este país, vai ter muito mais obras do que nós temos hoje, para fazer no Brasil. E, ao mesmo tempo, nós temos essa novidade extraordinária do pré-sal, que a gente não tem dimensão de onde a gente vai chegar com isso. E eu acho que a preparação tem que ser anterior, a preparação tem que ser anterior.

Eu acho que todos nós precisamos começar a discutir, e acho que este Conselho poderia, José Múcio, criar um grupo. Pegue o pessoal aqui, junta um grupo de companheiros para pensar como estruturar a cadeia produtiva porque ela vai ter que começar a trabalhar ontem. Ela não vai começar a trabalhar quando a Petrobras... quando nós decidimos fazer navios, a gente não tinha estaleiros. Nós fizemos a licitação antes, contratamos os dez navios do Atlântico Sul sem ter estaleiro. Fomos glosados porque diziam que a gente estava fazendo um estaleiro virtual, que aquilo não ia produzir nada. No Brasil, também, tem uma parte que não tem jeito, tem uma parte que não quer que as coisas deem certo. O grande importante é que a maioria quer que dê certo, a maioria torce para dar certo.

Então, eu acho que nós aqui não temos nenhuma obrigação de ficar nos vangloriando, quem é o responsável pela saída da crise, até porque esta crise foi a primeira crise em que ninguém culpou o governo por ela. Foi a primeira crise que todos, todos, sem distinção – da imprensa até o mais humilde dos brasileiros – sabia que a crise era uma crise internacional, que tinha nascido nos Estados Unidos, que tinha passado pela Europa, tinha chegado ao Japão, e somente depois chegou aqui.

Então, a saída gloriosa dela, que eu acho que... é como se a febre



tivesse passado. Se a febre tiver passado, então significa que a infecção acabou. Agora, então, meu caro, não é mais dar antibiótico. Agora é dar vitamina. A Luíza está doidinha para vender mais. Se descuidar, ela vai até querer montar mais uma loja, mais um magazine. O Abílio Diniz já não sabe mais onde colocar Extra e Pão de Açúcar.

Então, eu queria terminar dizendo isso: olhe, nós não vamos abrir mão – é importante todo mundo ter claro isso –, nós não vamos abrir mão da nossa responsabilidade fiscal, nós não vamos abrir mão de controlar a inflação. Ela não vai voltar porque todas as vezes que ela volta, ela desgraça a vida e a economia deste país. Mas nós construímos um espaço fértil de trabalhar, fazer investimento, alavancar, como o Guido mostrou aí... Na verdade, foram R\$ 36 bilhões que nós demos aos estados uma maior capacidade de endividamento para que eles também pudessem fazer as suas obras. Eu fiz, esta semana, uma reunião com as 13 ou 14 maiores empresas da construção civil no Brasil. A verdade é que nós estamos tendo licitação e está dando – como é que chama isso? –, está dando vazia. É porque não aparece, e aí os empresários falam: “É porque tem muita empresa, Presidente. A gente tem que escolher as melhores”. Você imagine, depois de 20 anos sem ter obras neste país, a gente faz licitação para uma BR-101 em Alagoas e ela dá vazia. Cada empresa já contratou, neste ano, mais do que contratou em qualquer outro momento da sua história. Então, este momento está seguro, nós não temos que ficar pensando se vai piorar. Nós temos é que fazer o seguinte: como fazer para melhorar?

Da parte do governo, vocês tenham certeza absoluta de que nós não deixaremos de ter humildade de acatar todas as orientações que nós entendermos que sejam boas. Até porque nós já nos convencemos de que não somos donos da verdade.

Mas agora é hora de a gente fazer investimentos. Quem tem investimento, quem parou por conta da crise, comece agora a fazer os





investimentos, porque o investimento feito agora vai demorar três anos, ninguém vai conseguir começar agora e inaugurar. Três anos é exatamente o tempo que eu trabalho, que a União Europeia e que os Estados Unidos estejam com a sua economia já em uma fase de crescimento maior do que está agora. E aí, quem estiver mais preparado vai sair na frente. E nós não temos por que parar, gente.

Então, eu quero mais uma vez dizer a todos vocês, aos trabalhadores, aos empresários... eu também aprendi, Feijóo, que... ô Patah, que o setor de serviços hoje representa 62% do PIB brasileiro. O Feijóo fica falando grosso, achando que é a indústria, mas não é a indústria. É o setor de serviços que alimenta a indústria, e ele pensa que é ela que alimenta o setor de serviços. Mas de qualquer forma eu acho que isso aqui é o espaço da humildade, da compreensão, da construção coletiva. Eu acho que o Brasil precisa fortalecer os setores mais pobres para ir conquistando a classe média. Na hora em que a gente tiver as pessoas consumindo o dobro do que estão consumindo hoje, e consomem pouco... Nós ainda bebemos pouca cerveja, nós ainda comemos pouca carne, nós ainda comemos pouco peixe, nós ainda compramos pouco sapato, compramos pouca roupa. Então, nós precisamos elevar o padrão de consumo desta sociedade, para que melhorem de vida as pessoas, para que as pessoas tenham emprego.

Eu quero, Meirelles, também... porque aqui era muito fácil a gente chegar e cobrar taxa de juros, cobrar taxa de juros... É verdade que a taxa de juros é sempre uma coisa que está na cabeça das pessoas. Mas é verdade também que a gente nunca teve tão baixas assim, não é? É verdade que a gente nunca teve tão baixas assim, e é verdade o que o Feijóo disse: hoje, menos preocupante a Selic do que a taxa de *spread* que está sendo cobrada. E certamente o Guido vai encabeçar a redução dessa taxa, que precisa reduzir mais.

O que nós tivemos, na verdade, vocês disseram, foi uma crise, mas



sobretudo uma forte desconfiança. Eu, se tivesse que tomar medidas pelas manchetes dos jornais, eu teria pedido asilo político e teria ido embora, porque parecia que o Brasil tinha acabado.

Então, é importante a gente relativizar. E teve gente que tomou medidas por conta das manchetes, de forma precipitada, e eu acho que isso causou um transtorno nos números do PIB de hoje, que poderia ser um pouco maior se a gente não tivesse se precipitado em dezembro, em janeiro. Primeiro, novembro, dezembro, janeiro e fevereiro.

Mas de qualquer forma, eu agora só posso agradecer a vocês e dizer que a contribuição de vocês sempre será levada em consideração. Eu acho que vocês contribuíram mais do que reivindicaram. Reivindicaram aquilo que era importante reivindicar. Eu acho que de vez em quando o Armando vem falar, e fala: “Será que eu vou reivindicar e o Presidente vai ficar de cara feia comigo?” Pode ficar certo de que eu não fico, Armando, porque não fico nem com você, nem fico com o Feijóo, nem fico com o Patah, não fico com nenhuma central sindical. Nem com você, Alemão, estou ficando mais bravo, porque eu acho que é o momento de a gente dizer as coisas que precisam ser feitas. O Brasil chegou a esse nível.

Marcelo Neri,... a Pnad vai ser publicada daqui a uns dez dias, Paulo Bernardo? Sexta-feira. É importante depois fazer um estudo, porque eu quero convocar uma reunião da área social, quero convocar alguns especialistas, porque nós vamos começar a trabalhar a consolidação das políticas sociais, porque eu quero mandar um projeto de lei para o Congresso Nacional ainda este ano porque, senão, no ano que vem tudo o que mandar vão dizer que é eleitoral, que não pode. Então, tem que mandar este ano. E nós temos que ver o que precisamos aprimorar para que a gente possa consolidar, definitivamente, um jeito de olhar para os de baixo com um pouco mais de carinho.

No mais, José Múcio, obrigado. Obrigado por manter... Vocês sabem



que o José Múcio está querendo sair, não é? Estou pensando o que eu vou fazer com ele, ainda. Vamos ver. Mas eu quero dizer que eu acho que você tem conduzido o nosso Conselho de forma muito boa. A presença, para a minha surpresa, tem sempre mais gente do que eu consigo ter em uma reunião do Ministério. Pense em fazer uma reunião do Ministério quando as pessoas estão pensando em ser governador, deputado, senador. A prioridade não é mais o governo.

Então, eu penso que a participação de vocês é uma coisa extraordinária. Então, eu quero só agradecer mais uma vez, e dizer: obrigado pela colaboração que vocês têm dado às coisas que o governo tem feito.

Um abraço.

(\$211A)